

RELATÓRIO

Pelo Encarregado PI Nambiquara

Cuiabá, 3/janeiro/78

NAMBIQUARA DO NORTE

CEDI - P. I. B.
DATA 29, 08 86
COD. NA/D16

I- APRESENTAÇÃO-

Os Nambiquara do Norte compreendem os grupos seguintes:-

1)- SABANÊ, TAWANTÊ, IACONDÊ e MANDUCA aldeados na Reserva Indigena Pirineus de Souza, a 15-km de Vilhena-Rondonia, em 6 aldeias (Arceira, Cururu, Campina, Manduca, Curral e Aldeia XII); constam algumas familias destes grupos, que sendo transferidas para a Reserva, voltaram parte delas para as feitorias e seringais (Veado Preto, Seringal do Faustino e Marco Rondon).

2) MAMAINDÊ e NEGAROTÊ aldeados por transferência na parte noroeste da Reserva Nambiquara (Mt.), estando ambos próximos da Br 364 (uns 6 km) sendo 2 aldeias Mamaindê e 1 Negarotê. Tanto os Mamaindê quanto os Negarotê mantêm fora da Reserva Nambiquara, roças de subsistência nos lugares que agora são considerados de Fazendas ou Glebas.

3)- ALDEIA CORREGO CAPIVARA - Grupo Nambiquara do Norte recém-contatado (junho-julho/77) próximo as cabeceiras do Rio Pimenta Bueno a uns 70 km de Vilhena em linha reta. Contando em dezembro/77 com 16 pessoas e na época do contato com 18 pessoas. O grupo tem filiação linguística com os Mamaindê e Negarotê (linguista Kingston e antropólogo Price, relatório de agosto/77). Num segundo contato em que este informante também presenciou foi levado a presença deste índios, um Sabanê que falava alguns dialetos Nambiquara do Norte, e entre eles se estabeleceu um dialogo, afirmando o índio Sabanê que eles falavam parecido com os Mamaindê, sendo apenas um pouco mais lentos na pronuncia. Posteriormente (dezembro/77) os Sabanê foram até a Aldeia Capivara e trouxeram quase todos componentes da maloca para a Reserva Pirineus de Souza, a título de passeio e troca de visitas. Uma familia esteve com os Mamaindê com quem parlamentaram demoradamente (dois dias) e ficaram na aldeia Arceira até ser imprescindível a volta para a Aldeia de origem. Como resultado desta visita também se deve computar que os índios desse novo grupo sofreram os desgastes bruscos de um contato sem preparação, sendo que até o momento nenhum índio do grupo se achava vacinado. Consta que varios índios deculturados aproveitaram para lhes fazer beberem cachaça e experimentarem outros costumes ou vícios (naq fumam nem consomem mandioca brava na aldeia nova). Deve-se atentar também que o nome de MASSACA, lhes é improprio e inadequado, uma vez que este nome mais designa os índios chamados de Tubaroes (Aikana) que em tempos anteriores foram seus inimigos mortais junto c/seringueiros. O servidor JORGE FALCA vem sendo o responsável conforme determinação do Sr Coordenador do Projeto Nambiquara, para o contato e assistência imediata a este novo grupo, estando o servido atualmente, morando junto com os Aikana, donde faz ponto de base para ir até a aldeia Capivara.

O Projeto Nambiquara a partir de 1975 assumiu assistência na área. Tendo designado a principio um Chefe de Posto para os Nambiquara do Norte, que por motivos alheios a este relatório, (em parte) foi afastado da Funai. Já naquele tempo se encontrava na area indigena em foco, o Capataz Rural Jorge Falca e esposa. Designou-se depois o Encarregado do Nambiquara do Norte, Ch. PI Galera, MARCELO DGS SANTOS, que ao assumir na area, não contou desde o inicio com a boa vontade do servidor Jorge. A situação que se seguiu foi de incompatibilidade entre os dois servidores. Sendo a região habitada pelos índios Nambiquara mais deculturados, com vícios e dependências adquiridas desde o convívio com seringueiros e funcionários do SPI, deveria merecer a atenção concentrada destes servidores em favor de uma recuperação comunitaria. O Encarregado tentou contornar os problemas pessoais, procurou levar adiante seu trabalho e nas vezes que precisou recorrer ao Sr Jorge Falca, o fez mediante determinação de caracter funcional. Contudo o esforço de se fazer algo, o Capataz, preferiu instigar oposições internas e opiniões de descredito quanto a atuação do novo Chefe de Posto (já constado em relatórios do proprio Ch. do PI) chegando mesmo a por em duvida tratamento e prescrição medica de facultativos em Vilhena, gerando a desconfiança para posteriores atendimentos. É CONVENIENTE que se atenda o servidor Jorge Falca em seu pedido de transferência da area e que se realize averiguações sobre sua atuação por ora.

022478
NIS 31

II - CARACTERIZAÇÃO GERAL

1. - População indígena.

Incluindo o grupo nambiquara recém-contatado, contavam até dezembro/77 com 194 pessoas os Nambiquara do Norte.

2. - Contato e Deculturação.

Considerando que o termo ACULTURAÇÃO se refere a influência recíproca de elementos culturais entre grupos de indivíduos, seria mais coerente utilizar a palavra DECULTURAÇÃO, para designar este estado após-contato em que os Nambiquara vem passando, pois, ocorre com eles uma assimilação de nossos costumes e vícios sem a reciprocidade da definição primeira.

Dos Nambiquara do Norte, os Sabané, Lacondê, Manduca e Tawandê são os que apresentam maior deculturação. Tendo entrado em contato com nossa civilização desde o princípio do século (vide Roquete Pinto in RONDÔNIA), passou pela proteção do SPI, pela dominação dos Seringueiros e Seringalistas, pela fascinação dos pioneiros na construção de Vilhena e da estrada (Br 364, Cuiabá-Porto Velho) que atravessou seus territórios tradicionais. A FUNAI veio encontrá-los já seviciados como trabalhadores baratos, quase todos morando fora da Reserva e portadores de vícios e dependências adquiridas. Algumas índias desses grupos estão hoje casadas com civilizados em Vilhena ou nas redondezas, e já adquiriram filhos e costumes de "civilizados". Os Chefes do PI SPIRO, depois chamado de PI NAMBIQUARA e posteriormente de PI GALERA, todos eles, de uma forma ou de outra tentaram um trabalho de recuperação. O resultado deste esforço contudo não se fez notar porque o setor de saúde sempre exigiu prioridade de atendimento, faltando ocasionalmente elementos humanos e materiais para levar todo trabalho a cabo; conseguiu-se resultados satisfatórios em saúde, noutros aspectos ainda permanece a carência de uma ação compensadora capaz de servir de melhor opção para que estes índios deixem de se oferecerem como mão de obra barata e também que eles tenham motivações suficientes para valorizarem seus costumes e suas terras. O Chefe de Posto Marcelo dos Santos vinha tentando atuar junto a estes grupos mais deculturados dos Nambiquara do Norte, promovendo transferências para dentro da Reserva (algumas ainda permanecem), assistindo prontamente aos casos de doenças, estimulando a venda de artesanato na Artindia de Cuiabá e auxiliando na orientação para melhor aproveitamento da terra com roças e pastagem. Para este ano de 1978 vinha sendo programada uma primeira Escola com participação de Linguista (Peter Kingston-SIL, Mamaindê) e de Professor (a) de Português para esses grupos Nambiquara; uma vez que já vinha sendo solicitada pelos próprios índios desta área, como já vinha funcionando para os Mamaindê e Negarotê. Em face do aumento de índios bebados junto ao local que seria construída a sede do PI e também da tentativa mais gratificante de trabalhar com os grupos Mamaindê e Negarotê, o Ch. do PI. resolveu fazer um entre-posto de assistência junto a estes índios, deixando a sede do PI para ser feita na época da seca quando seria mais fácil trazer o material de construção e talvez já se tenha resolvido os problemas mais recentes.

Os Mamaindê e Negarotê, antes assistidos pelo SIL, através da prestimosa valia do Linguista Peter Kingston e família, não chegam a apresentar maiores obstáculos para uma assistência. Há assim mesma, peculiaridades a serem consideradas para que o trabalho com estes grupos proporcione condições favoráveis para permanência definitiva na Reserva Nambiquara; como sejam - continuidade da escola, incentivo para roças maiores e com melhores perspectivas de produção, canalização dos recursos oriundos da venda de artefatos, incentivo para criação de animais e posterior aproveitamento na dieta alimentar, e um atendimento frequente ou mesmo a disponibilidade de estar sempre acessível.

Aos Nambiquara recém-contatados, seria conveniente contar com a colaboração dos Mamaindê-Negarotê, para que num tempo próximo sejam transferidos para a Reserva Nambiquara, a fim de serem beneficiados tanto pelos seus parentes mais próximos (o novo grupo está se definindo pela falta de parceiros ideais para casamentos, quase todos são irmãos-irmãs, conforme o sistema de parentesco seguido p/Namb.), como pela observação constante de uma assistência geral que o mais breve possível deverá providenciar para que todos do grupo sejam devidamente imunizados com as vacinas adequadas.

Proc. PDR/RS/ 0991/78
HS 4

III- ASPECTOS ADMINISTRATIVOS

1.-Saúde-

Constituiu caso de maior gravidade o surto de Sarampo ocorrido em meados do ano de 1977 nos Mamaindê e Negarotê. Sendo que a atuação concentrada no setor de saúde, trouxe resultados satisfatórios. Houve três obitos por sarampo. Ocorreram oito(8) nascimentos no ano passado. Consta que os nambiquara recém contatados eram 18 e quando do segundo contato já eram 16, sendo tal afirmação baseada no dado fotografico realizado pelo Sr Jorge Falca, que conferindo em loco deixava faltar uma velha e um homem de meia idade. Com a saída do linguista do SII, será necessário também concentrar esforços para que todos os grupos recebam uma assistência adequada e oportuna.

2.-Educação-

Construiu-se uma Escola, na aldeia dos Mamaindê (casa 6m p/ 4m, com 2 cômodos) que funcionou até se agravar na aldeia o surto de Sarampo. Na casa do linguista também havia cômodos a disposição da Escola. Os Negarotê também frequentaram as aulas na língua nambiquara do Norte. Houve também ensinamentos rudimentares de matemática e português. Preve-se a continuidade desta Escola e o início de uma entre os grupos junto aos Sabanê. O Projeto Nambiquara e a Sa. DE. contribuíram com alimentação e material escolares. A casa da Escola foi edificada por ajudantes do SII, o material fornecido pelo Projeto. Há a esperança de que se inicie uma escola em português para as crianças índias aldeadas com os Sabanê, isto serviria para abrandar a falta de motivações para ficarem mais tempos na Reserva e não em Vilhena.

3.- Desenvolvimento Comunitario-

As roças foram aumentadas e cada grupo ocupando determinada área procurou cuidar da parte respectiva ao grupo. Ainda falta muito pra se conseguir que haja produção agrícola suficiente ao consumo interno, pois, prevalece com os Nambiquara do norte, o costume de vender e/ou comercializar a produção de imediato; falta-lhes a perspectiva de armazenar, ou melhor, habituaram a serem socorridos no período da entressafra. Utilizam da prerrogativa assistencial para justificar seu consumo e dependência com bens do comercio em Vilhena. Seria necessário convergir esforços específicos para melhor aproveitamento do solo na região e adotar uma atitude de orientação e esclarecimento para posterior autonomia destes grupos. Há na região um gado que em sua maioria ainda está bravo, pertence a comunidade indígena dos Nambiquara do Norte aldeados na Reserva Pirineus de Souza. Foi fornecido a ração e grampos para as cercas. Uma família nambiquara presta um cuidado rudimentar a este gado, existindo três velhos burros para auxiliá-la. Encontra-se não raro obstáculos para promover obras de bem comum, pois, esta arraigado o espírito de dependência com ganho imediato para prestar serviços, ainda que sejam em benefício direto a comunidade. Tem que se considerar todos os problemas das dependências adquiridas e promover na Reserva Pirineus um conjunto de assistência, baseada não mais em recursos internos, fortalecer os valores culturais existentes e criar compensações para dentro da área indígena. Assim é bem mais provável que comece a haver uma recuperação gradativa e as opções sejam mais por permanecerem em área indígena, fazendo a propria recuperação na área. É possível fazer ligação com a Reserva Nambiquara, Campos Novos, e incrementar uma situação de dependência já existente entre os grupos do Campo e do Norte; sendo mais vantajoso para os índios dependerem de seus patricios.

4.-Administração-

O Encarregado dos Nambiquara do Norte, Ch do PI Galera, MARCELO DOS SANTOS, conta com a ajuda da Atendente de Enfermagem, JOELINA RIBEIRO DE QUEIROZ. Há na área um índio que foi aposentado por um determinado órgão (Dermat...?), FELIPE que eventualmente se presta a auxiliar outros índios na lida com o gado, principalmente RUFINO Manduca. Oportunamente é cedido um trabalhador braçal a disposição no Campo ou no Guapore. Com a presença constante de um trabalhador na Reserva seria mais produtivo para o Encarregado atuar em todas áreas diferentes dos varios grupos dos Nambiquara do Norte. Com a saída do linguista do SII e também do Capataz Rural Jorge Falca, vai ser necessário preencher as carências de pessoas na área, para ter continuidade de trabalho.

Atenciosamente,

Arivaldo J. Santos
Arivaldo J. Santos
Encar. Namb.do Campo

RELATÓRIO 4º TRIMESTRE/77
Pelo Encarregado do PI Nambiquara

PI NAMBIQUARA 24/dezembro/77

NAMBIQUARA DO CAMPO

Grupos-Halotesu, Sawentesu, Kitãulhu e wakalitesu.

I- INTRODUÇÃO

Aos Nambiquara (do Campo, do Vale do Guaporé e do Norte) tem-se prestado uma assistência móvel, através das tres equipes do Projeto N. desde 1975. Atualmente, esta assistência vem centralizando seus recursos disponíveis, mais detidamente, nas áreas onde estão sendo implantados os Postos Indígena, sem contudo, deixar de lado o atendimento móvel, que mesmo depois da implantação definitiva dos PIs., será necessário.

O PI Nambiquara dispendo agora de algumas benfeitorias (casa-sede, escola, enfermaria-farmácia, galpão-garagem) já comporta condições para uma assistência mais fixa e elaborada, existindo, não obstante, a carência de pessoal para preencher os cargos disponíveis. Neste PI existe normalmente apenas o Encarregado. Periódicamente uma atendente do PI Sararé ou PI Galera é cedida. Um trabalhador braçal revêsa seus préstimos com os demais PIs.. A demanda de serviços na área do PI exige um desdobramento maior do Encarregado. Para uma atuação em diversas atividades que vão se tornando necessárias, o resultado sofre as conseqüências inerentes do acúmulo funcional.

A necessidade de criar na Reserva Nambiquara um conjunto de infra-estrutura assistencial capazes de adequar o atendimento às circunstâncias locais, dá justificativas a que se complemente no PI Nambiquara os recursos de base para aquele fim. Leva-se em conta que o PI usufruia dos rádios dos Linguistas do SIL para eventuais comunicação com a 5ª DR. Agora sem rádio e sem aquela disponibilidade, torna-se preciso efetuar despesas extras e viagens para cumprir qualquer finalidade de comunicação oficial. Dispendo de uma viatura (Pick-up F-75 ano 77) e de um barco com motor de popa o PI poderia diminuir despesas se contasse com seu próprio rádio e dispusesse de carroças e cavalos para os transportes de pequenas distâncias na Reserva.

Com a saída do Sr. Ademar Geraldo Pereira Cesar, MINERO, do Boqueirão, em 14/7/77, ficou para os Nambiquara do Campo uma série de benfeitorias, incluindo uma terra melhor para plantio. Apesar dos Nambiquara estarem zelando das plantações existentes (café, banana e cana) será preciso um apoio ou orientação para convergir bem o consumo da produção. Parecendo que uma Cooperativa indígena poderia ter aí suas bases para beneficiar essa comunidade que até hoje vem se desgastando com a venda de artesanato nas estradas, ou mesmo com a promessa de que fazendo bastante artefatos sempre vai conseguir suprir suas necessidades existentes.

A escola Nambiquara funcionou este ano com um curso bilingue. Teve a colaboração dos Linguistas do SIL na área e de uma família de missionários do SOUTH AMERICA. Um número aproximado de 120 pessoas estiveram sob custódios da Escola, sendo que destes apenas uns 80 eram de fato alunos. Tivemos uma professora para aulas de Português e Matemática, paga pelo Projeto. Houve frequência de alunos indígenas das tres áreas Nambiquara. As aulas foram ministradas na casa-escola e em salas da casa Sede.

Uma casa com dependências suficientes para comportar uma enfermaria, uma farmácia um laboratório e ainda servir de dependência para os servidores do setor de saúde na área, situada a uns 100 metros da casa-sede do PI, está pronta para ser utilizada. Sendo possível adquirir um microscópio, contratar os serviços de um tec. Laboratorista e um(a) enfermeir(o)(a), poder-se-ia evitar com tratamentos e gastos imprevistos em saúde. Para um atendimento mais aprimorado é preciso viajar uns 160 km. Agora mesmo estamos com tres casos de Tuberculose, sendo tratados no PI conforme orientação da FSESP de Vilhena-RO e da 5ª DR-Cuiabá.

II- CARACTERIZAÇÃO GERAL

1. NAMBIQUARA DO CAMPO

1.1- Localização e extensão da área.

A maior parte dos Nambiquara do Campo estão aldeados na Reserva Nambiquara, entre os Rios Juina e Doze de Outubro, outra parte seen contra aldeada próxima de Utiariti, todos dentro do Estado de Mato Grosso. Habita também a Reserva grupos indígenas não Nambiquara (Salumá, entre os rios Camararé e Primavera) e também grupos Nambiquara do Norte (Mamaindê e Negarotê). A reserva Nambiquara tem aproximadamente 1.000.000 hectares de terras, sendo calculados uns 75.000 hectares de florestas, em geral de galeria e de solo arenosos. O restante se compõe de vegetação e solo típicos da chapada dos Pareci.

Proc. FUNAI/USO, 0291/77

1.2- Aspectos jurídicos e delimitações 6

1.2.1- Reserva Nambiquara 10/11/77

Criada pelo decreto 63.368/de 08/10/68 e alterada em seus limites pelo decreto-lei 73.221 de 29/11/73. Enquanto não se proceder a demarcação oficial na região, decretada como Reserva, vão pairar algumas dúvidas sobre limites fronteirizos não identificados por rios; como o decreto especifica os pontos por coordenadas para daí sugerir uma linha seca até a cabeceira de um conhecido rio, não se dispõe in loco de recursos técnicos para precisar o ponto de partida para uma constatação dos limites. Assim vem sendo considerado limites aproximadamente arbitrários para efeitos de preservação da Reserva.

1.2.2- Ocupante não-índio na Reserva

Até julho passado o Sr. Ademar Geraldo Pereira Cesar Mineiro, ocupou uma área de 2.991 ha, numa ~~área~~ parte da Reserva denominada de Boquairão, próxima das aldeias nambiquara de Serrazul e Juina. Estando na área antes mesmo da criação da Reserva, o Sr Mineiro, deixou no local algumas benfeitorias (casa, cafezal, bananal, canavial) para as quais ainda hoje clama por indenização, conforme o mesmo, faz questão de informar quando encontra o Encarregado. O Sr. Mineiro, no entanto seus reclames de pobreza, tão logo saiu da Reserva, adquiriu terras-propriedade na região do Guaporé, com terras mais férteis, junto ao patrimônio da Colonização Colider denominado de Nova Alvorada. Consta em relatórios anteriores o empenho do Encarregado para que se providenciasse a saída deste ocupante não índio, levando em consideração, o dispêndio de trabalho aplicado na área, incluso mesmo o fato do Encarregado ter levado o Sr Mineiro, em meados de 1976, junto com um representante Nambiquara, até a Funai em Brasília, onde tomados os depoimentos e/ou esclarecimentos se prometeu as providências para o caso em questão. Após um ano, como não vieram as providências esperadas e o Sr. Mineiro não se resignou a esperar pacificamente, colocando mais um partícipe clandestinamente no caso, agrava agravando na região os estados de ânimos com promessas e ameaças; criou-se condição insustentável para sua permanência na Reserva, cabendo na ocasião de 14/7/77 sua retirada da área indígena.

1.3- População indígena por aldeias

1.3- Aldeia de Serra Azul (16 pêssoas)

- a)- ERDO e BÁRBARA, filhos SANDRA, JANETE e EDMUNDO.
- b)- NEIDE e ANGELINA, filhos JAIME, JAIR, JOÉLIO e SISSA.
- c)- RONDON e OLINDA.
- d)- MARCELINO-e MARIA de CÁSSIA, filho RAIMUNDO.

1.3.2- Ald. Branca (14 pessoas)

- a)- ARISTIDES e LORETA, filho TEREÇ.
- b)- FUADO e SOFIA, filha ERMITA (março 77).
- " e EONICE, filhos ODAIR e LEONARDO (agosto 77).
- c)- JUVENAL e MARIETA e VICENTE.
- d)- CELSO (ex-Silas) e EVELINA.

1.3.3- Ald. JUINA (33 pessoas)

- a)- BACANA e RUTE, filho MANOELZINHO.
- b)- BACAMIRIO e JÚLIA.
- c)- LIDIA e CARMINDA, filha LENINHA.
- d)- FRANCISQUINHO e HELENA, filhos MIGUEL, JOÃO e SILBENE.
- e)- MANU e JANDIRA, filho JOLISSO.
- f)- JOÃO e ADEDA, filhas DIOLINA.
- g)- MILITÃO e MOACIR, filhos SAMUEL e VICENTE.
- h)- CANGURU-e CLARISSE, filhos ROBERTO CARLOS e CIRO.
- i)- DANIEL e JUEITI, filhas EONICE e CHELA.
- j)- Mª BONITA e filha EMILIA.

1.3.4- Ald. Barro Branco. (5 pessoas)

- a)- ESTEVÃO e TERESA, e BERENICE.
- " e SUZANA, filho ARNALDO (março 77).

1.3.5- Ald. Cabeceira (7 pessoas)

- a)- LOURENÇO e ANITA, filhos RENATO e ADENIR; ALICE.
- b)- EZEQUIEL e BRASILINA.

1.3.6- Ald. Sapezal (8 pessoas)

- a)- JOÃO MAXIXE e CORACINA, filhos EVA, SERGIO, ANDRÉIA e CATARINA (julho/77)
- b)- JOSÉ ROBERTO e PAULINA.

1.3.7- Ald. Água Verde (2 pessoas)

- a)- JOSÉ EVELINO e TEREZILHA (dezembro/77 teve uma criança que nasceu morta).

1.3.8- Aldeia de Campos Novos (62 pessoas)

- (a)- ELAIDIA e VIRGINIA, filhos JOSUÉ e JERSON.

Proc. 10001/ES/10991/78
 FIS _____
 Assinatura _____

- b) - SILAS e filho DONALDO.
- c) - MATEUS e ANIBIA, filho CALOSU. LAÍDE e filhas CATARINA E JÓIA.
- d) - TIAGO e SUZANA, filho DANIELSU.
- e) - TENEFE e VIOLETA e FILARCIO.
- f) - MACAQUILHO e MARTA.
- g) - LUIS- ANGELINA, filhos RENÉ e MELODIA. PAULINA.
- h) - JOSÉ e SARA, filhos PEINA e ARI. MANOELZINHO PRETO.
- i) - EUTÍMIO e CARLINDA, filhos LUCAS, LIA e LUZIA(jan/77)
- j) - ORIVALDO e SEDA, filha ROSA.
- k) - DAVI e JACINTA.
- l) - JONATAS e IRACEMA, filho MANEDE.
- m) - BENJAMIM e DEBOR.A, filhos ROBERTO, RODA, JACÓ e menina(setembro/77).
- n) - BENEDITO e ESTER, filhos DOROTÉIA, JURACI e EDUARDO.
- o) - JORGE e MIRIAM.
- p) - ~~BEATRIZ~~ ROBERTO e BETH, filhos ELIAS e PAULO.
- q) - SAMUEL e NAURINDA.
- r) -

1.3.9- Aldeia Tirecatinga(aprox. 39 pessoas)

Esta aldeia está situada fora da Reserva a uns 500 km de distância do PI, estando sob assistência da Missão ANCHIETA de Utiariti. A última visita a esta aldeia pelo Chefe do PI foi em janeiro/77, daí a falta de dados suficientes para informar.

1.4- Nascimento em 1977 (6 pessoas)

1.5- ÓBITOS em 1977 (3 pessoas)

- PALMIRA(50 anos, causa mortis Tuberculose)CUIABÁ
- JULINA(60 anos, c.m.?)CAMPOS NOVOS.
- SANDRA(10 anos, c.m. malária)JUINA

1.6- População atual- 486 pessoas.

1.7- Aldeamentos Nambiquara do Campo.

- a) Aldeia de Serra Azul - situada às margens esquerda do correjo Caranã, dista de uns 15 km do PI Nambiquara, ao qual é ligada por estrada de rodagem. Existe aí uma pequena pista de pouso(550m) utilizada pelo SII que mantém casa anexo à Aldeia. A terra ao redor já foi muito explorada para o cultivo de tubérculos, sendo que não há estímulo para novas roças no local, sendo preferido outros locais já próximos de outra aldeia. Ocorre que a população de Serra Azul também acampa noutras aldeias, ficando na aldeia apenas quando o Linguista está na área.
- b) Aldeia Branca - situada às margens direita do correjo Caranã, distando de Serra Azul uns 9 km, servidos por estrada de rodagem. Há aproveitamento de roças próximo á aldeia, sendo o solo propício apenas ao cultivo de tubérculos.
- c) Aldeia Juina - situada às margens esquerda do rio Juina, limite da Reserva, distando uns 10 Km de Aldeia Branca, utilizando a estrada de rodagem até o PI. O rio Juina, no local, já é navegável a barco de popa, os índios fazem uso também da outra margem fora da Reserva para suas roças, pois não há presença nenhuma de outros proprietários na região. Ainda é usado o lado externo da Reserva para acampamentos de caça e coleta, constando que a dois dias de caminhada nesta região tem aparecido sinais/indícios de novos índios, presumivelmente Nambiquaras remanescentes da antiga aldeia 20 e Urutau na linha telegráfica, próxima do Rio Juruena com o Juina.
- d) Aldeia Barro Branco- maloca isolada, anexa a região denominada de Boqueirão, , distante de uns 13 km do PI Nambiquara por estrada de rodagem local; Surgiu em consequência do aproveitamento de derrubadas deixadas por um dos pretensos posseiros colocados na área pelo Sr. Mineiro. Pode-se aí aproveitar maior parte de terra fértil.
- e) Aldeia Cabeceira- maloca isolada, situada a beira da estrada que liga o PI Nambiquara com a Br 364, dista uns 12 km do PI e uns 13 da Br.364.Roça de subsistência para uma família pequena, sendo mais utilizada como entreposto de escala para conduzir artefatos até a estrada, pelos nambiquara . Também se presta como ponto fiscal para quem estiver transitando pela Reserva.
- f) Aldeia Água Verde e Barracão Queimada, antigas malocas, situadas a uns 60 km do PI Nambiquara, utilizadas mais para conservação de mudas e plantas que possam servir aos acampamento em tempo de caça, período de seca.
- g) Aldeia de Campos Novos- situada entre os rios Nambiquara e Doze de outubro, distante de uns 150 km do PI Nambiquara e uns 40 da Br 364, posto Fiscal do Doze. Tem uma das melhores terras da Reserva para agricultura e também para pecuária, sendo aproveitado na região pastos naturais e cultivados desde Rondon(Comissão Rondôn). Os nambiquara estão fazendo cercas de arame farpado na expectativa de iniciarem a criação de gado. Há uma pista de pouso anexa a aldeia(600m) utilizável. Mora anexo a aldeia uma família de Missionário(Missão Bereana do Brasil).

1.8- Atividades dos Nambiquara do Campo1.8.1- Rocas e coleta

Ao término da escola bilingue Nambi-quara deste ano (Agosto/77), os índios voltaram a suas aldeias de origem e prepararam os preparativos para a queimada e coivaramento das novas roças. Em outubro com o início das chuvas, plantaram mandioca, cará, milho, araruta, cana e banana para, subsistência por família extensa (Campos Novos) e famílias nucleares noutras aldeias. O feijão fava foi plantado em novembro e arroz vem sendo plantado em dezembro. Em Campos Novos planta-se milho duas vezes por ano. Durante o mês de novembro várias famílias dedicaram seu tempo a coleta de piqui do campo.

1.8.2- Artesanato

Feito para utilização pessoal no início, agora vem sendo feito para atender a demanda de aquisição de bens de consumo em dependência nas beira de estradas e em Vilhena-Rondonia. O Projeto forneceu uma verba para estímulo ao Artesanato em 1976, mas a continuidade deste estímulo vinha provocando uma corrida desenfreada e/ou exclusiva para produção artesanal em série, com prejuízo para as atividades tradicionais e de subsistência desses Nambiquara. Torna-se carente um mecanismo de proteção e orientação econômica, pois a ignorância de valores monetários e a falta de conhecimentos sobre qualidade e preço melhor, ainda faz do nambiquara um vendedor ingenuo que não desapegou de seus valores para troca, querendo acreditar que os civilizados (comerciantes) os compreendam da mesma forma. Durante o período escolar deu-se o início de uma instrução de matemática utilizável na prática e também uma semente sobre a necessidade de uma Cooperativa Nambiquara. O Artesanato quando vindo até Cuiabá tem sido absorvido pela Artindia, contudo o pagamento tem sido adiantado uma vez que na estrada os índios conseguem dinheiro ou mercadoria de imediato (não importante que seja menos que na Artindia), isso significa que os artefatos trazidos para Artindia já foram comprados e pagos aos índios pelo Encarregado. Através de uma Cooperativa este procedimento poderia ser melhorado, e várias vantagens poderiam decorrer para os índios, como: não precisar se expor ao longo das estradas, sobraria mais tempo para dedicar as atividades que lhes são próprias, teria recursos monetários garantidos pela compra-venda e lucro em proporção a sua participação, teria outras opções e principalmente teria aos poucos, a medida que fosse compreendendo o mecanismo, todo o controle deste órgão de interesse coletivo, que tem razão de ser se for criado com a finalidade de ser transferível à comunidade participante.

1.8.3- Caça e pesca

Todos os Nambiquara do Campo dependem da caça e da pesca para complementar sua alimentação básica de mandioca. São feitos acampamentos em pontos diversos da Reserva para este fim. Praticam-se a pesca com melhores resultados em Campos Novos e no Juina. Usam espingardas cartucheiras (cal 28-32) e alguns usam espingarda 22 (bala). Também utilizam flechas quando encontram lugares de caça abundante, o que raramente ocorre na Reserva, existindo sim, no Guaporé onde ainda hoje sobrevive o costume de caçar com arco e flecha. No Juina tem canoa que os índios fizeram, sendo por eles utilizada para pequenas viagens a fim de conseguir mais pescados para a aldeia. Os rios da Reserva se caracterizam por uma água cristalina, isto é, com pouco nutriente para peixes, não sendo de tradição rios piscosos.

1.8.4- Festas e visitas

Durante a escola do ano passado efetuaram dois casamentos e neste ano mais um. Isto ocorreu porque o período escolar coincidiu com o tempo dedicado para visitas aos grupos e aldeias, que na circunstância de escola estavam todos reunidos num mesmo local, no caso, neutro. Para janeiro que vem estão programando a festa da moça (iniciação) para Bonice (13 anos) da Aldeia Juina. O abate de uma caça grande (anta, veados, onça, tamanduá ou tatu canastra) justifica uma festa para o consumo da fartura inesperada de carne. Nas noites de lua cheia é quase constante as festas com cantos e dança, ou então canto de flauta pelos homens sendo que o canto de flauta também é feito como aprendizagem para os rapazes.

2. ASPECTOS ADMINISTRATIVOS2.1- Saúde

A malária é endêmica na área. Ocorre mais aminu de no tempo das chuvas. Também é constante a presença de vermes (ascaris, oxiriuse e ancilostomiose). Pleiteamos para o PI um microscópio e a contratação de um(a) laboratorista e/ou enfermeira para servir na Reserva. Uma casa (12m por 9m) de área construída de madeira, está destinada para farmácia, enfermaria e residência de servidores no setor de saúde. Os casos rotineiros são atendidos na aldeia, outros casos de doença, conforme a gravidade, são conduzidos até Vilhena para exames médicos e de laboratórios (desde outubro/77 feito p/FSESP). Seguindo prescrições médicas atende-se no posto atualmente a tres casos de Tuberculose. O consumo de remédio é na maioria

feito com os medicamentos da CEME, outros conforme prescrição médica. O programa de vacinação é seguido todo ano pela 5ª DR, neste ano, ocorreu em setembro passado e durante a escola (anti-pólio). A gripe e suas complicações também uma constante com os Nambiquara do Campo, costumando se agravar mais no período das chuvas, afetando mais as crianças. Com o aparecimento dos casos de Tuberculose entre os Nambiquara do Campo, cresceu ainda mais a necessidade de se completar o contingente humano para melhor assistência em saúde.

2.2- Educação

A Escola Bilingue Nambiquara teve neste ano seu primeiro estágio, antes a escola era quase exclusivamente monolíngue. Os Linguistas do Summer e mais dois Missionários contribuíram com o Projeto e uma professora de português e matemática, compuseram o corpo docente do curso. Alguns índios vem sendo treinados para monitores bilingues. As aulas de português e matemática vieram para atender as reivindicações dos índios, sendo estas aulas frequentadas por adultos e crianças. A Escola contou com um efetivo de 80 alunos frequentando as aulas, mas teve que sustentar uns 130 dado as especiais condições dos alunos de trazerem todas suas famílias junto. O período escolar foi de fins de maio até a primeira quinzena de agosto. As aulas foram feitas numa casa da escola (8m por 6m) e em salas da Casa-Sede do PI. As turmas constavam de iniciantes, médios e adiantados (possíveis monitores). Houve aulas de datilografia para os monitores (monitorandos) que se responsabilizavam pela confecção de histórias na língua nambiquara e desenhos para ilustrá-las. Para os iniciantes as aulas foram dadas pelos índios mais adiantados c/ a supervisão dos Linguistas do SIL na área. Um vinte pessoas aprenderam a escrever razoavelmente o português. O material escolar um pouco conseguido c/ a 5ª DR, outro com o Projeto e com doações do Grupo em Vilhena. A matemática despertou interesse em quase todos que dele dependem para efetuarem suas trocas de artefatos por mercadorias e/ou dinheiro. A expectativa é de que a Escola não sofra continuidade, para que seja possível um ensino adequado. Para a manutenção da Escola recebeu-se auxílio da 5ª DR (merenda escolar), do Sr; FREDERICO P. TOLKSDORF, Coord. do Projeto e dos grupos do Guaporé e do Norte.

2.3- Desenvolvimento Comunitário

Na situação atual em que se encontram os Nambiquara do Campo, sofrendo os infortúnios de um comércio desonesto, isento de fiscalização e sem garantia econômica, seria necessário a criação de uma COOPERATIVA INDIGENA de produção e consumo. Esta organização lhe garantiria o fornecimento dos bens de que dependam, comercializaria seus produtos e administraria o capital-lucro em proporção a participação de cada associado. Convém, no entanto, que toda renda gerada pela aplicação do esforço e/ou trabalho indígena seja utilizada a seu favor, isto é, ao grupo participante. Sendo que tal organismo deva ser entregue aos próprios Nambiquara, cabendo ao Órgão assistencial, apenas a orientação e o assessoramento até que eles mesmos (os índios) assumam o empreendimento em defesa de sua economia e autosuficiência. A Cooperativa poderia então estender suas atividades para o bem comum e para posteriores planejamentos em benefícios à comunidade associada.

A viabilidade de uma Cooperativa para os Nambiquara, se baseia nas condições existentes hoje; o artesanato, um cafezal e a perspectiva próxima de melhor aproveitamento das pastarias naturais e a possibilidade de produção cereal com excedente comercializável ou ainda a produção de derivados de mandioca e de milho. Outro fator também que pesa é que já existe uma dependência de bens de consumo adquiridos de civilizado (munição, armas, implementos agrícolas, tecidos, utensílios domésticos, coberta, rede, anzóis e produtos comestíveis). Seria preciso no início uma determinada verba (reembolsável sob forma de financiamento) e elementos humanos honestos e um tanto qualificados para esta tarefa de administrar. Uma casa (8m por 6m) serviria de Armazém depósito e Sede da Cooperativa para venda, compra e contabilidade afim.

2.4- Administração

2.4.1- Projeto Nambiquara sob supervisão da 5ª Delegacia Regional da Funai em Cuiabá-Mt.

2.4.2- PI Nambiquara

2.4.2.1- Pessoal- O Chefe do PI, Aux. Téc. Indigenismo, Ariovaldo José dos Santos; Um trabalhador braçal, Luis Antônio Ferreira Murakami e uma atendente de Enfermagem, Maria Aurora da Silva, esdois últimos também servindo ao PI Sararé no Vale do Guaporé. Durante o período escolar deste ano, esteve no PI como Professora de português, Leila Begher. Com exceção do Encarregado do PI, todos os servidores foram pagos pelo Projeto.

2.4.2.2- Viaturas- Uma Pick-up F-75, ano 1977; um barco de alumínio com motor de popa; Um trator Agrale 440 para roças de subsistência, todos adquiridos neste ano.

2.4.2.3- Benfeitorias - Uma casa -Sede

restaurada da casa do ex-PI Wasusu (8,50m por 6,50m), feita de madeira e abertura de Eternit; com cinco cômodos utilizáveis. Um galpão-garagem (15m x 10m). Uma roça de subsistência na área próxima ao Posto, sendo também utilizada para fornecer mudas às aldeias e atender os doentes quando precisam ser sustentados pelo POSTO. Tentou-se aproveitar o solo nas proximidades do PI, arando e plantando milho e amendoim e mandioca; por causa da grande acidez do solo o milho quase não cresceu, alastrando apenas o amendoim e a mandioca. Se fizer correção de solo é possível aproveitar uns 10 alqueires paulistas nas adjacências do PI para um plantio mais diversificado.

2.4.2.4- Bens móveis- Ferramentas agrícolas (enxada, enxadão, cavadeira, alavanca, machado, foice, lima e facão) e outras ferramentas (martelo, arco de pua, serrote, traçador, plantadeiras e pulverizador de insetos). - Utensílios de cozinha (um fogão de ferro a lenha, panelas, caldeirões, talheres e pratos). - material escolar (mimeógrafo, quadros-negro, perfuradores e grampeadores). - Material do Posto (arquivo, uma máquina de escrever, lampião a querosene e outros de somenos importância).

2.4.2.5- Custeio e manutenção - O PI recebeu a verba por trimestre que lhe forneceu a 5ª DR. Recebeu também ajuda para combustível p/ Projeto. A manutenção do PI em sua maior parte é feita pelo próprio Encarregado com auxílio do Coordenador do Projeto, pois tanto o Projeto quanto a 5ª DR, não constam disponibilidade para manutenção (alimentar) do PI. As despesas com alimentação só atingem maiores dificuldades quando se tem que alimentar doentes e índios transeuntes pelo PI.

3.- CONCLUSÕES

Com a implantação do PI Nambiquara propriamente dita surgiram com mais urgência a necessidade de se contratar pessoal habilitado para as atividades existentes em potencial. Sendo o Encarregado também utilizado p/apoio as outras equipes e também para auxiliar serviços eventuais com grupos indígenas isolados (índios Nambiquara do Norte contatados em junho e julho passado na cabeceiras do Rio Pimenta Bueno, córrego Capiyara) um pouco pela falta de pessoal e outro tanto porque falta recursos materiais para comunicação (rádio) e para assistência de saúde em lugares dispersos. Concentrando os recursos humanos e materiais numa área, fica mais produtiva sua utilização nesta região.

Falta ao PI um rádio; - um(a) laboratorista e/ou enfermeira; um(a) professor(a) e um a dois trabalhadores braçais. Seria conveniente a aquisição de animais para carroça, visando economizar e diminuir a utilização de veículo motor na Reserva, o que também serviria melhor para futuras opções de uso pelos próprios Nambiquara.

Existe uma Pick-up F-75, ano 1974, na área, sem funcionar, seu conserto oneraria uma despesa que não pode ser efetuada agora, contudo sua utilização para o ano que vem deve ser considerada de grande valia. A utilização do Trator Agrale 440 para arar a terra exige para melhor aproveitamento que se consiga corretivos de solo (calcário). É imprescindível que se faça roça para o Posto-Escola e Ambulatório e que se estimule uma sustentação com recursos internos, oriundos do trabalho aplicado na região.

A continuidade da Escola visa fornecer um ensino já programado e com resultados satisfatórios. Se o SIL ficar doravante fora da área seria conveniente aproveitar dos linguistas o máximo sobre material pesquisado, para complementar o aprendizado das turmas mais adiantadas (monitorandos).

A idéia de Cooperativa já vem sendo explicada aos Nambiquara do Campo, que indiretamente já praticam esse sistema no comércio de trocas e não no comércio de vendas e capital acumulado.

Sendo possível montar um Ambulatório (que já funciona precariamente) na Reserva - casa da farmácia-enfermaria e residência p/enfermeir(o)(a), torna-se preciso a aquisição de um Gerador de Força, bomba d'água e instalação hidráulica; uma geladeira para conservação de vacinas e um fogão a gás para uso exclusivo no ambulatório.

A ajuda de custo para alimentação, principalmente para doentes e escolares é indispensável, principalmente enquanto as roças não forem suficientes para cumprir esta finalidade.

Atenciosamente,

Ariovaldo José dos Santos
Ariovaldo José dos Santos
Encarregado do PI Nambiquara